

## **Restos**

### **O exercício crítico e poético de Joaquim Manuel Magalhães**

Magalhães, não é um crítico que é poeta, nem tão pouco um poeta que é crítico. Crítico e poeta são formas complementares de pensar o fenómeno literário. E poucos, na segunda metade do século XX, se dedicaram de forma tão atenta à análise da poesia portuguesa contemporânea. Muitas vezes polémico, seguramente controverso, avesso a consensos, fez luz sobre muitos nomes do panorama poético actual e recuperou alguns nomes –justa ou injustamente - ignorados pelo tempo

Na primeira parte do nosso trabalho, abordamos a obra ensaística de Magalhães - *Os Dois Crepúsculos; Um Pouco De Morte e Rima Pobre*. Neste sentido, procuramos mostrar a influência do pensamento de F.R. Leavis e de T.S. Eliot no seu exercício crítico e analisamos as relações, nem sempre pacíficas, de Magalhães com uma esfera pública fragmentária e pouco participativa. Achamos profícuo distinguir a noção de modernismo da noção de vanguarda, pois estes conceitos são usados de forma pouco precisa por Magalhães. Este tende a confundir a ideia de vanguarda com a urgência do novo, com uma lógica de superação, quando de facto o projecto vanguardista é uma tentativa de reconduzir a arte à *praxis* vital. A arte deve desautonomizar-se.

No centro das preocupações de Magalhães está também o público, ou melhor os públicos. A massificação da *res* literária trouxe públicos que não procuram o caminho da facilidade. Até a poesia, conotada com a *high culture* e com uma sensibilidade maior e minoritária, foi afectada por um público pouco esclarecido, consumidor de emoções alheias e facilmente iludido pelo aparato retórico-discursivo de certa poesia.

Num segundo momentodo nosso trabalho, centramo-nos na obra poética de Magalhães, distinguindo três momentos capitais, a saber, a reescrita de toda a obra publicada até 1985 em *Alguns Livros Reunidos* (mantendo autónomas apenas duas

obras); as obras onde o vingar do negrume é por demais evidente (especial relevo para *Uma Luz com toldo vermelho* e a *Poeira levada pelo vento*) e, finalmente, os poemas publicados em *O Independente* e coligidos em *Alta Noite em Alta Fraga*.

Na última parte, tomamos de empréstimo um conceito do âmbito da geologia – recristalização - para melhor entendermos a revisitação temática feita nos poemas publicados em *O Independente*, e posteriormente coligidos em *Alta noite Alta Fraga*. A esfera pública, a ausência de uma moral, a pequenez, a degradação física, a velhice, o destruir da paisagem (a última das utopias), a falta de um espaço habitável, a morte, a devastação invadem este textos elegíacos. O desencanto, o negrume é tanto que nem a própria morte é uma certeza de paz. – «Só nos resta esperar então morrer?» (Magalhães, 2001f:80). A poesia de Magalhães é cada vez mais uma ética do fim.